

Delfim Santos na morte do Professor Schlick

Filipe Delfim Santos



A [minha] segunda viagem teve a maior importância possível na minha vida intelectual e durou três anos: a concessão de uma bolsa de estudo para Viena de Áustria. Em Viena demorei-me um ano no estudo do positivismo lógico com a assistência aos cursos de M. Schlick. As minhas relações com este notável professor duraram até ao dia do seu assassinato na Universidade de Viena, a que tive o desgosto de assistir. [Autobiografia ou Balanços Vitais 1, 1940]

A fortuna histórica das discussões em torno do assassinato de Moritz Schlick (1882-1936) foi certamente mais uma lamentável consequência do infeliz episódio no qual perdeu a vida o famoso professor de Delfim Santos. Embora os factos em si não fossem rodeados de qualquer mistério e tenham até sido publicamente testemunhados, algumas dúvidas persistiram sobre o sentido e a motivação dos acontecimentos daquela fatídica manhã de segunda-feira, dia 22 de junho de 1936, em que o fundador do *Wiener Kreis* perderia a vida da forma mais chocante: precisamente às mãos de um seu aluno.

Na sua Autobiografia, Delfim Santos evoca a experiência de ter *assistido* a esse assassinato. Sobre o alcance desse testemunho, ou seja, sobre aquilo que do crime terá visto ou ouvido Delfim Santos, é o que cabe inquirir à luz dos documentos sobre o caso policial já publicados pelo Professor Friedrich Stadler como *Documents concerning the Murder of Moritz Schlick – The Prehistory, the Murder Trial and the Consequences*, um utilíssimo apêndice documental ao seu *The Vienna Circle* [STADLER 2001, 869-908] No uso desta fonte primacial será feita referência às peças do processo como ‘doc. 1, 2’, etc.

Delfim Santos e Moritz Schlick



MORITZ SCHLICK (1882-1936)

São múltiplas e interessadas as referências que Delfim Santos faz ao pensamento e à obra do Professor Schlick, então já falecido, na *Situação Valorativa do Positivismo* escrita em 1937 e mais tarde em *Conhecimento e Realidade* redigido em 1939. Tais referências não surpreendem, se tivermos em conta que as relações pessoais entre o professor alemão em serviço na Áustria e o seu aluno português tinham sido de mútuo apreço, como o próprio Delfim Santos com prazer evoca nas cartas para os seus amigos, publicadas no 4º vol. das suas *Obras Completas* [SANTOS, OC4]. Para além da estima pessoal, não lhe nega também admiração intelectual pela seriedade do seu método e amplitude da sua formação:

Aqui em Viena (...), dos homens da *Erkenntnis* só cá está Schlick. Parece-me ser, de todos, o mais interessante e talvez o único filósofo [SANTOS OC4, carta 45, 16.10.1935].

Essa sua simpatia inicial viria a confirmar-se, pois ainda que em novembro de 1935 escrevesse:

Na Universidade ouço as lições de Schlick (ética e filosofia da cultura). Nada de especial. Schlick é um homem culto, físico, matemático e filósofo com acentuação logicista em todos os setores da sua cultura [SANTOS OC4, carta 46, 27.11.1935],

já com o decurso das aulas, em março de 1936, iria desenvolver uma opinião muito mais positiva do seu professor:

Aqui encontrei um homem verdadeiramente superior, considerado na Alemanha, na Inglaterra e na América como

filósofo de inspiração científica de primeira fila. Parece-me justo o seu prestígio. Sigo o seu curso de *Naturphilosophie* e tenho algumas vezes conversado com ele. Filósofo de inspiração realista, abandonou os seus anteriores pontos de vista em oposição à metafísica que mesmo a tese realista pressupunha. Apesar de tudo interessante e profundo [SANTOS OC4, carta 49, 09.03.1936].

Schlick retribui o respeito do seu jovem aluno estrangeiro:

Depois de algumas conversas particulares com o Professor Schlick sobre a orientação dos meus trabalhos fui convidado a assistir às sessões do *Wiener Kreis*, núcleo que reúne todos os representantes desta nova tendência na Filosofia das Ciências e que é universalmente conhecido pelos importantes trabalhos publicados na revista *Erkenntnis*, órgão oficial do grupo [SANTOS 1935, 1665, 7911, 26.12.1935].

Delfim Santos não poupa elogios ao método de ensino seguido por Schlick nos seus seminários:

No Seminário de Filosofia dirigido pelo Schlick estudam-se neste momento os Fundamentos da Logística. Um dos alunos lê uma parte do livro de Frege sobre a Aritmética e os outros ou o Mestre, objetam, discutem, aclaram, precisam o sentido do que foi lido. Eu penso às vezes durante os trabalhos quanto isto entre nós seria útil. Esta reflexão séria sobre os trechos, com a intenção de máxima clareza e de máxima precisão, para nós que lemos um livro a correr e sem voltar a ele, e às vezes mesmo dizemos conhecê-lo sem nunca o ter lido, é sugestiva e útil. Aqui o prof. não ensina, orienta a discussão, põe ele mesmo dúvidas e às vezes não sabe responder... [SANTOS OC4, carta 46, 27.11.1935].

Tenho entre três a quatro centenas de colegas, só nas lições de Schlick - rapazes e raparigas, velhos e velhas, chineses e hindus, frades e freiras, com hábitos de todas as cores. Não há um mantenedor de disciplina, um contínuo, ninguém. Falam, conversam mas não há nunca um gesto que revele abuso da

liberdade que lhes foi dada. Tudo estava e tudo fica em ordem. E nesta mistura de comunistas, de frades, de fascistas, etc., todos se respeitam e cada um permite que o outro seja aquilo que quiser ser. Depois temos o Seminário. É aqui que está o segredo... 3 ou 4 dezenas de pessoas reúnem-se à volta do professor duas horas seguidas cada semana para ler, tornar claro, compreender até ao fundo, explicar, discutir uma obra fundamental dum filósofo. Não preciso de lhe dizer o que isto vale... Durante oito semestres o aluno faz isto sobre obras diferentes, todas as semanas. E cada universidade tem nos seus seminários a discussão de determinado filósofo durante cada semestre. E por isso os alunos cada semestre mudam de universidade para irem estudar desta maneira o filósofo que lhes interessa. O seminário é o parto da personalidade... Duma personalidade que tem um ponto de referência, e sempre um ponto sério e profundo. E desde então será sempre consciente nas suas afirmações e se muda de pontos de vista (o que sucede aos filósofos alemães, que atravessam por várias fases e às vezes contraditórias) é ainda por razões de seriedade, de melhor acordo com eles mesmos. Foi pouco mais ou menos o ambiente que aqui encontrei. Aqui sente-se a influência dos professores. Há uma estreita relação entre professores e alunos. O professor tem uma missão que cumpre. A extensão universitária é uma realidade. A cultura popular tem aqui um organismo, *Urania*, modelar em todo o mundo. (Tudo isto é novo para nós e eu não posso assim dar-lhe uma ideia mais ou menos precisa) [SANTOS OC4, carta 50, 05.12.1936].

Ocorre-lhe comparar o seu novo professor ao mais celebrado dos que antes tivera, Leonardo Coimbra, e aquando da morte deste em violento acidente – certamente ainda sob o impacto brutal desta notícia recebida de Portugal dias antes por carta de um condiscípulo – não hesita em apresentar a obra e personalidade do filósofo português a Schlick:

Falei demoradamente com o Prof. Schlick sobre Leonardo. A opinião dele é que nós devíamos traduzi-lo para qualquer língua legível (este terrível português!). Mas como pensar nisso? Que se hav[er]ia de traduzir? [SANTOS OC4, carta 47, 29.01.1936].

A observação que faz é sempre pertinente para quem escreva em português e aplica-se hoje ao próprio Delfim Santos.

Quando mais tarde recebeu o *Festschrift* em homenagem ao seu professor na Universidade de Viena, observou:

É claro que os seus amigos e discípulos são em maior número e com melhor preparação do que a maioria dos discípulos de Leonardo. Todavia fizeram apenas o seguinte: coligiram em volume os ensaios dispersos por revistas e um inédito (...) Aqui está uma homenagem simples e que nós igualmente poderíamos fazer a Leonardo [SANTOS OC4, carta 111, 19.07.1938].

O entusiasmo que Schlick despertara em Delfim Santos frutificou em resultados académicos brilhantes:

O fim do primeiro semestre trouxe-me a exigência duma demonstração do aproveitamento realizado. A prova a que todos os alunos ordinários são obrigados realizei-a eu também, voluntariamente, para obter o correspondente testemunho oficial ou *Zeugnis*. Fui classificado com *Sehr Gut* e relevo o facto porque ele, nas minhas condições [de estudante estrangeiro], não é frequente. Realizei depois a minha matrícula no segundo semestre letivo. Voltei a inscrever-me no cursos do prof. Schlick que agora trata, em cinco horas semanais, de *Naturphilosophie*, ou seja, na mais aproximada tradução, filosofia das ciências. É esta naturalmente a parte mais proveitosa e mais nova do meu trabalho aqui. Com estas lições tenho adquirido uma noção mais exata e precisa dos métodos de trabalho neste domínio das ciências [SANTOS 1936, 1816, 8563, 07.04.1936].

Após as minhas provas fui convidado a iniciar uma secção do *Wiener Kreis* em Lisboa [SANTOS 1936, 1816, 8563, 07.04.1936].

A 18 de junho congratula-se pelo facto de

o meu estudo dos fundamentos da matemática e sobretudo da obra de Frege foi classificado pelo Prof. Schlick com *Sehr Gut*, a mais alta classificação. Foi esta a prova do seminário cujo certificado me foi já passado (n.º 2) A outra prova de aproveitamento foi sobre *Naturphilosophie*, tema das lições em cinco horas semanais do mesmo professor [...] A classificação da minha prova foi igualmente *Sehr Gut* (certificado n.º 3). Igualmente junto o certificado que me concederam pela prestação de prova do conhecimento suficiente da língua alemã (nº 1) [SANTOS 1936, 1816, 8942, 22.06.1936].

No final dos seus cursos, o balanço que irá fazer das aulas de Schlick é muito positivo:

Viena para mim já não tem interesse além das bibliotecas mas que talvez, sobre o que me interessa, ainda sejam melhores na Alemanha. O curso de Schlick tem-me interessado – Filosofia das Ciências (esp. física) [SANTOS OC4, carta 51, 06.06.1936].

Nessa altura já Delfim Santos tinha os olhos postos na Alemanha e pedira licença às autoridades portuguesas para aí prosseguir os seus estudos. Nunca pensara, porém, que a sua saída iria coincidir precisamente com o fim do *Wiener Kreis* que ele viera conhecer e estudar *in situ*: aquele fórum que ele acompanhara como algo vivo e atuante no mundo filosófico, que desde há muito suscitara o interesse de académicos de todo o mundo, iria rapidamente passar à condição de capítulo ultrapassado na história da filosofia, uma vez que os acontecimentos estavam prestes a tomar um rumo inesperado.

Uma relação professor-aluno que correu mal

Depois da prestação de provas de exame a que me referi no relatório anterior e das quais enviei os respetivos certificados foi o meu trabalho bruscamente interrompido pelo assassinato do Prof. Schlick. [SANTOS 1936, 1816, 9906, 04.11.1936].

No seu último ato público em Viena, Delfim Santos é convidado para o funeral do seu professor. O convite, reproduzido no final deste texto, está datado do dia 24.06.1936 e reporta-se ao dia seguinte, 25, ou seja, três dias após o dramático desfecho da famosa carreira professoral de Schlick que selaria igualmente o fim do Círculo de Viena.

Quem era o autor desse *assassinato* a que Delfim Santos se referia no relatório enviado aos seus financiadores? Johann (Hans) Nelböck nascera a 15.05.1903, no interior austríaco. Inscrevera-se na Universidade de Viena em 1925, imagina-se que com algum custo para alguém de extração humilde, tendo assistido às aulas de Schlick do primeiro ao último semestre do seu curso. Em 1931 é aprovado nos exames doutorais de Física e de Filosofia com uma tese de tema schlickiano, orientada aliás por Schlick: *Die Bedeutung der Logik im Empirismus und Positivismus* (A importância da Lógica no Empirismo e no Positivismo) [NELBÖCK 1931, MADERTHANER 2009, 75, n.1]. A 21.03.1931, é-lhe conferido o grau de Doutor, como uma promissora carreira de filósofo pela frente.

Porém, em 1928, viera ele a conceber uma paixão mórbida pela estudante Sylvia Borowicka, sua colega nos cursos de Schlick. Nelböck soube então, com desgosto e repulsa, que ela se apaixonara pelo Professor e que este retribuía o interesse da aluna num *affaire* ilícito que, segundo a peça da acusação, Nelböck sabia ter durado até maio de 1930. Estas revelações chocantes sobre o comportamento imoral do Professor com uma das suas alunas, a que se juntara um ciúme doentio, levaram-no a jurar a morte de Schlick, à qual se seguiria o seu suicídio. Contudo, a estudante denunciou atempadamente as intenções do seu colega ao Professor, pelo que em junho de 1931 este participou à polícia o que Sylvia Borowicka lhe revelara. A polícia prendeu ambos os estudantes e após investigações remeteu-os para uma clínica psiquiátrica, onde Hans Nelböck seria dado como psicopata esquizoide em relatório de 22.10.1931. Nesse documento, o médico Dr. Otto Pöttl é de opinião que a aluna era apenas excêntrica e sem qualquer psicose pelo que, liberta da influência do colega, deveria ser readmitida às aulas na Universidade de Viena.

Quanto a Nelböck, ele foi devolvido à família ao fim de 3 meses mas retornou a Viena para fazer o exame de acesso à carreira de professor liceal (em Portugal chamado o Exame de Estado). A uma nova alteração entre aluno e professor sucedeu-se novo internamento de Nelböck seguido de alta ao fim de menos de 10 dias. Empobrecido, Nelböck tenta viver de explicações, preparando os estudantes para os exames de doutoramento. Mas como eram poucos os meios auferidos dessa forma, tenta estabelecer contactos que julga abrirem-lhe as portas de um emprego na área da filosofia. Na verdade consegue, graças à intervenção do Prof. Dr. Leopold Gabriel, uma posição no Centro de Educação de Adultos em Ottakring e, após ter dado uma conferência sobre Positivismo, aliás muito crítica para essa corrente de pensamento, é escolhido para reger um curso completo de filosofia no verão de 1935. Apenas para sofrer nova decepção, desta vez tingida de absurdo: a Escola cancela o convite argumentando que Nelböck, sendo um positivista, não poderia ensinar positivismo. Nelböck nega à direção da Escola que seja positivista mas a decisão do diretor, o Dr. Matejka, já está tomada.

O Dr. Matejka mentira a Nelböck. O que acontecera é que alguém informara a Direção da Escola dos dois internamentos psiquiátricos de Nelböck, como consequência das alterações com Schlick. Apesar de Schlick não ter tido interferência no processo (sobre a extensão dessa interferência a apreciação é diferente por parte da acusação e da sentença do processo judicial que se segirá), teria isso sim recusado recomendá-lo, possivelmente com a intenção de entregar esse lugar a um judeu seu protegido, Waismann, cujo apadrinhamento pelo Professor será posteriormente o cavalo de batalha entre os detratores e os defensores de Schlick. Embora se mencione uma carta da qual Matejka não teria revelado o autor, o Dr. Gabriel assume que teria sido o próprio Waismann a informar a Escola do duplo internamento psiquiátrico do candidato. Nelböck ressentiu-se da injustiça de que fora vítima: ter sido recusado como professor por ser positivista e logo em seguida a Escola vir a contratar precisamente um positivista. Esta *mésaventure* contribuiu poderosamente para a sua depressão e convenceu-o do papel determinante do seu Professor neste infeliz episódio, atribuindo-lhe direta ou indiretamente a denúncia, de acordo aliás com o que soubera sobre o caso pelo Dr. Gabriel.

Assim, em maio de 1935 decidiu novamente vingar-se e suicidar-se – desta vez tendo comprado com tal finalidade a pistola com a qual viria realmente a cometer o crime. Porém, no momento arrependeu-se, deitando ao Danúbio as munições mas conservando aquela arma trancada no seu quarto.

Em princípios de janeiro de 1936 o destino do alvoroçado Dr. Nelböck cruza-se com o do jovem bolsheiro português Delfim Santos, com o qual partilha os bancos da sala de aula. Nelböck sai perturbadíssimo de uma das lições de Schlick que, como sabemos por Delfim Santos, versavam naquele semestre de inverno sobre Ética e Filosofia da Cultura. Nessa fatídica lição parecera ao aluno austríaco que o Professor abordara a questão da imortalidade da alma de uma forma cínica ou irónica. Delfim Santos teria com toda a probabilidade assistido a essa lição funesta, pois o próprio confirma que assistia sempre a todas as aulas e seminários do seu professor: teria estado entre os alunos presentes, ao lado de Nelböck, mas não sabemos se mais alguém, além deste aluno inimigo jurado de Schlick, considerara ofensiva a suposta irreligiosidade da sua abordagem ao tema da imortalidade. Na correspondência de Delfim Santos com os seus amigos portugueses que se acha aqui transcrita não há quaisquer apreciações que permitam supor que as aulas de Schlick extravasassem para temas controversos, nomeadamente de cariz religioso.

É então que Nelböck, apercebendo-se de que estava profissionalmente condenado pela perseguição de Schlick e dos seus seguidores junto de eventuais futuros empregadores na área da docência da filosofia, sentindo-se ainda emocionalmente defraudado pela relação do Professor com a colega e espiritualmente ludibriado pela troca que Schlick fizera das suas crenças religiosas, decide comprar de novo mais dez balas e voltar a colocar em marcha os acontecimentos que iriam levar ao desenlace fatal. No inquérito policial, apesar de Nelböck negar o peso do relacionamento Schlick/Borowicka neste drama, conclui-se que o crime teria três motivações: a inicial seria a passional, devido ao ciúme; em seguida a pessoal, no que à carreira falhada de Nelböck dizia respeito e que o impossibilitara de ganhar o seu sustento como professor; e ainda a filosófica, devido à diferença de concepções, sobretudo religiosas. A motivação inicial para o assassinato vinha já de 1931, a frustração

profissional de 1935 suscitara uma renovação dos seus planos e a lição de 1936 teria sido a gota de água final. Nas palavras do agressor, Schlick roubara-o triplamente, privando-o «do seu amor, da sua fé e até de qualquer meio futuro de vida».

É de crer que as autoridades psiquiátricas não tenham pesado totalmente as consequências daquele curto internamento de Nelböck por um crime que ameaçara cometer, mas que de facto (ainda) não cometera: libertado pouco após, o paciente não só poderia ter ficado com a sensação de que já sofrera as consequências de um ato que, um vez que já lhe era imputado, só lhe restava agora perpetrar; acresce ainda a percepção perturbadora de que eventuais futuros internamentos, que se sucedessem ao homicídio cuja intenção o levava à instituição mental, seriam igualmente breves e facilmente suportáveis. Tudo isto o teria convencido de que «valeria a pena» empreender por fim um ato pelo qual já pagara, antes mesmo da sua consumação.

Estranhamente – e aqui todas as peças documentais são omissas – ele ainda levaria mais seis meses para cobrar a vida de quem tanto julgava tê-lo ofendido, seis meses nos quais se terá repetidamente cruzado com outros alunos de Schlick – o português forçosamente incluído. Esperaria afinal pelo último dia de aulas do semestre para fazer da última aula de Schlick a aula que nunca chegaria a acontecer [MADERTHANER 2009, 59].

Anatomia de um crime

Cabe agora regressar ao local do crime, a imponente Grande Escadaria da Universidade de Viena, para podermos aferir o grau da *assistência* invocada por Delfim Santos. Estaria ele precisamente onde? Até que ponto presenciou os factos? Só descendo à máxima minúcia factual que a documentação nos autoriza é que se tornará possível dilucidar onde estava realmente Delfim Santos no exato momento do crime.

Segundo o que mais tarde a justiça deu como provado, no dia 22 de junho de 1936, pelas 8 horas da manhã, Nelböck deixou o seu apartamento e dirigia-se para a Universidade quando, ao chegar perto da igreja Schottenfelder,

tomou a decisão irreversível de terminar o seu sofrimento matando-se e «levando o prof. Schlick consigo». As aulas de Schlick iriam começar às 9 horas e, como ele não levava a arma consigo, tem de regressar ao apartamento para buscar a pistola que carrega com sete balas, trava o gatilho e coloca-a no bolso do casaco, dirigindo-se de novo para a Universidade. Ao chegar ao Grande Hall de entrada, aguarda no início das escadas que o seu Professor chegue.

Pelas 09,15H vindo da rua, o Professor Schlick entra no Hall e é avistado pelo assassino que se mantém a alguma distância. O Professor inicia lentamente a subida da escadaria para a sala do seminário da Faculdade de Filosofia. O crime desenrola-se agora nestes cinco ou quatro minutos restantes: 09,16H o professor principia a subida das escadas e Nelböck segue-o, sobe as escadas, ultrapassa-o e vira-se para ele. Empunha a pistola e entre as 09,17H e as 09,19H destrava-a e dispara os tiros de 1 a 2 metros de distância, gritando: «*Meu grande patife, agora já tiveste o que merecias*».

Fica registado que a morte, ocorrida cerca das 09,20H, foi causada por quatro disparos de calibre 6,35 mm. Os primeiros disparos foram ao tórax e os outros foram já desviados pela trajetória da queda do corpo mortalmente ferido: é assim que as duas primeiras balas atingiram o coração abrindo ambos os ventrículos; outra bala atravessou-lhe o tronco da esquerda para a direita perfurando o cólon e o estômago e a última entrou-lhe na perna esquerda. Como as três primeiras feridas eram letais o Professor morreu nas escadas antes da chegada do auxílio médico. Ao ver a vítima caída em agonia, Nelböck rapidamente perdeu o desejo de também se matar a si próprio.

Onde estavam, pois, Delfim Santos e os seus colegas de curso? Como vimos, os quatro tiros foram disparados entre as 09,17H e as 09,19H. O Professor chegou ligeiramente atrasado ao seu encontro com a morte: segundo a famosa instituição da universidade germânica conhecida pelo nome de *quarto de hora académico* (*akademische Viertelstunde*), uma aula marcada para as 09,00H começaria de facto às '9,00H *cum tempore*', vale dizer 'pelas 09,15H'. Porém este atraso aplica-se à chegada do professor à sala de aula, nunca à dos seus alunos, que obviamente aguardam essa chegada já na sala – à qual têm, eles sim, de chegar pontualmente, ou em todo caso antes do professor. Por

essa razão, Delfim Santos e os seus colegas só poderiam estar *dentro* da própria sala de aula quando se ouviram os quatro tiros:

As usual, room 41 was overflowing with students eager to hear the words of the distinguished professor [MADERTHANER 2009, 59].

Mais ou menos ansiosos pelo seu Professor, que nunca chegaria àquela sala, eles devem ter acorrido ao local quando se aperceberam dos acontecimentos, como toda a gente presente àquela hora na Universidade. A Polícia interrogou as testemunhas oculares, nas quais obviamente o estudante português não se incluía. Leia-se o registo de um desses testemunhos em CLESS-BERNERT 1982.

Ora Delfim Santos não estava entre as *testemunhas oculares* porque nem ele nem os restantes alunos que esperavam Schlick poderiam estar presentes na escadaria, a não ser se estivessem a chegar à Universidade pelas 09,20H – e em seguida à aula pelas 09,25H. E seria fortemente improvável que um aluno chegasse à aula após o seu início, mormente um aluno estrangeiro que se esforçava por demonstrar diligência constante e atitude irrepreensível.

Delfim Santos, ao escrever na sua Autobiografia que «*assistiu*» ao assassinato de Schlick, detalhe que aliás na imediatez dos factos não menciona nem confidencia aos seus amigos em nenhuma das suas correspondências já publicadas (haja em conta que a Autobiografia permanece até hoje parcialmente inédita), optou aí por uma formulação abrangente, que acrescenta dramatismo sem fugir inteiramente à factualidade. Não terá presenciado o disparo dos tiros, nem a agonia do seu professor, embora muito provavelmente tenha já assistido à remoção do cadáver e à prisão do assassino pela polícia, juntamente com a pequena multidão que se terá formado em redor do jacente. E é isto que constitui, em sentido lato, *assistir* à morte de alguém, até porque a *morte* não ocorreu no momento dos disparos que a causaram e sim nos momentos que se lhes seguiram de agonia e consumação.

Disputas na imprensa em torno das aulas de Schlick

Como se o drama em si mesmo não bastasse, quis o destino que a ele se viesse somar uma infeliz batalha político-jurídica, na qual se digladiaram as três forças que por esta ordem se revezariam no poder vienense: os vermelhos, também chamados sociais-democratas – um grupo de comunistas, marxizantes e outros radicais que foram senhores de Viena durante 16 anos, de 1918 a 1934; os católicos-conservadores, também chamados patriotas e nacionalistas, durante os quatro anos seguintes, chamados de austro-fascismo, já no poder federal a partir de 1932 mas em Viena somente a partir de 1934, ano em que perdem o seu líder, Engelbert Dolfuss, assassinado pelos nacionais-socialistas; e estes últimos, de simpatias pró-alemãs e consequentemente anti-Áustria, que constituirão a autoridade de 1938 em diante, até 1945. Questões diferentes uniam e dividiam os três grupos: os católicos e os sociais-democratas estavam contra a perda da independência preconizada pelos nacionais-socialistas. Estes e os católicos estavam contra o marxismo dos sociais-democratas e da ‘Viena vermelha’. E os sociais-democratas e os nacionais-socialistas estavam contra o regime austrofascista e o seu corporativismo inspirado em Salazar – recusando também a interferência da religião na política e o clericalismo conservador daquele regime que era o vigente ao tempo destes acontecimentos. Com alguma ironia do destino, tanto a vítima como o seu executor iriam ser manipulados e cooptados por grupos aos quais não pertenciam, como em seguida veremos.

A primeira pedra é lançada por um pseudónimo ‘Dr. Austriacus’ que se assume como um patriota e que a 12.07.1936 publica na imprensa um artigo que constitui a mais explícita tentativa de explicar o crime iluminando-lhe os supostos contornos políticos (doc. 3).

O autor começa por lembrar que um magistericídio é um crime sem precedentes na história da universidade vienense e que por isso conheceu tão magna repercussão na academia, na imprensa e na sociedade. Quanto à imprensa, este patriota refere que ela apresentou o crime de forma distorcida, como se um psicopata tivesse abatido um *scholar* de renome mundial. Porém,

lembra o autor, ninguém cuidara de indagar os motivos do crime, ou de explicar o porquê daquele ato. E, na verdade, para esse esclarecimento haveria que integrar o que acontecera numa «*grande luta*», de natureza *ideológica*, travada entre Nelböck e Schlick. Diz-nos depois que a alma jovem e solitária do Dr. Nelböck, de 33 anos de idade, fora atormentada durante anos pelo seu Professor e que ele não deveria ser visto como tendo nascido psicopata, mas unicamente como tendo-se tornado tal, precisamente sob a influência da filosofia que Schlick ensinava desde 1922. A seu ver, o culpado do ato era pois o tipo de filosofia ensinada pelo próprio Schlick.

Desenvolvendo esta sua argumentação, o Austriacus diz-nos conhecer ele próprio muitos estudantes que perderam a fé em Deus, no mundo e na humanidade devido à influência da filosofia de Schlick, parecendo referir-se aqui ao materialismo. Considera que precisamente o facto de uma alma transviada ter posto fim à vida de um professor que negava a existência da alma e reduzia todos os planos ao físico seria a maior ironia deste caso.

Como as insinuações já corriam livres no seu texto, o autor pseudonímico apressa-se então a condenar o ato em si, um assassinato hediondo, ainda mais, e aqui surge nova e inesperada concessão, contra alguém tão encantador e gentil como Schlick – o que vem corroborar o parecer de outras fontes e nomeadamente de Delfim Santos. Mas para evitar novos dramas, escreve o Austriacus, é preciso eliminar as causas deste, assim precavendo-se a repetição de tão graves consequências.

O Austriacus historia depois o equívoco que estaria na origem deste drama: relembra que Schlick regia a única cátedra de filosofia sistemática da Universidade sem ser filósofo, mas sim físico, e sem nunca se intitular filósofo – querendo na realidade substituir a filosofia pela ciência, na opinião do articulista. Fora contratado pelo seu materialismo e pela negação da metafísica – para tal convinha um físico de formação que reduzisse a psicologia, a ética e o homem a meros objetos desta ciência. É por isso que todos os detentores daquela cátedra tinham sido físicos, desde os dias de Ernst Mach, em 1895. Apesar das supostas diferenças entre o velho e o novo positivismo, o autor argumenta que na prática são apenas *nuances* internas e o que a todos eles anima, aos velhos e aos novos positivistas, é a negação da metafísica.

Argumenta em seguida que os judeus e maçons estavam particularmente comprometidos com o discurso antimetafísico, o que explica que estes tenham recebido Schlick calorosamente em Viena. Em 1929 fora fundada a Sociedade Ernst Mach para propagar doutrinas antirreligiosas com a adesão dos maçons. O manifesto que a Sociedade Mach fizera imprimir, acrescenta o impugnador, era ainda por aqueles dias distribuído às massas mas a preço de saldo. O pior para o indignado patriota é que o Círculo fundado por Schlick com outros elementos antinacionais, que atentavam contra a identidade cristã do país, era infelizmente olhado no exterior como representativo da filosofia austríaca. Particularmente repulso para o *Austriacus* era Otto Neurath, um comunista que fora ministro em Munique da Baviera durante o período do regime dos soviets, que seria amigo íntimo e colaborador muito próximo de Schlick. Espanta-se o articulista como, após a queda da Social-Democracia vienense e da consequente dissolução legal da Sociedade Mach, o seu fundador e líder, Schlick, tenha sido autorizado a permanecer na regência da sua cadeira universitária, preservando a sua reputação intacta e continuando a influenciar a juventude com as suas doutrinas perniciosas. Para tal, teria Schlick oportunisticamente aderido ao partido fascizante da Frente Patriótica de Dollfuss, unicamente para sua segurança pessoal e conservação da cátedra sob o novo regime austrofascista.

Para Schlick, explicava o *Austriacus*, as proposições metafísicas careciam de sentido. Não que estivessem certas ou erradas, mas porque simplesmente não tinham qualquer significado. Daqui derivava a sua noção de Deus, da alma, da humanidade e da coerência do mundo, indignando os seus estudantes com posições que trivializavam a filosofia e inviabilizavam a ética. Entre eles, o Dr. Nelböck era dos mais agitados no final das lições. E quando o professor dizia que, do ponto de vista físico, vida e morte não eram diferentes, pois a primeira emergia da matéria morta, algo pareceu começar a germinar na mente do estudante. As suas crenças mais queridas eram ridicularizadas pelos sofismas hábeis do Professor. O *Austriacus* invocava o sofrimento que Nelböck e outros jovens criados na mundividência cristã deveriam ter sentido, ao serem expostos aos ensinamentos do homem que detinha a cátedra de Filosofia em Viena.

Havia, envenenando ainda mais um prélio já fartamente armadilhado, a questão racial. O *Austriacus* informa os leitores que os círculos judaicos de Viena idolatravam Schlick – e como prova desta asserção apresenta o facto do seu assistente Waismann e outras duas assistentes serem judeus. A perniciosa influência dos judeus contra a metafísica teria assim efeitos devastadores, iguais aos da falência fraudulenta da seguradora Phönix em Berlim, por eles detida. Como cristão que vive num estado cristão, o *Austriacus* declara que é aos cristãos que cabe escolher a filosofia que se ensina na sua universidade e não aos judeus, que têm aliás um Instituto Cultural onde podem ensinar a sua filosofia. Previne os judeus que é do seu interesse que a questão judaica se resolva pacificamente, caso contrário poderão ter o mesmo destino de Schlick.

Numa nota sobre a identidade deste professor, o editor do livro informa que se tratava do Professor Sauter, um colega de Schlick mas que ensinava na Faculdade de Direito e Ciência Política. Mais tarde Sauter aproximou-se do Reich criando a Sociedade de Filosofia Alemã em Viena, bem como algumas iniciativas antijudaicas. Mas a sua ligação a Othmar Spann, a cujos seminários Delfim Santos também assistira, o seu compromisso com o patriotismo austríaco e com o movimento católico nacionalista tornaram-no inevitavelmente *persona non grata* para os nacionais-socialistas, o que viria a custar a Sauter a expulsão liminar da Universidade de Viena na purga que se seguiu ao *Anschluss*.

Quando os factos pareciam estar assentes nesta nítida conformação, simultaneamente política e racial, as cartas são baralhadas de novo pela missiva que Albert Schlick, filho do Professor Schlick, escreve ao Professor Meister, titular do Seminário Pedagógico da Universidade e que o convidara a desagrar seu Pai. Convite a que Albert gostosamente corresponde a 22.08.1936 (doc. 4).

Na missiva, Albert aponta a covardia do autor que escrevera sob pseudónimo, o que já revelaria a categoria moral de quem assim se ocultava. As observações políticas misturadas às calúnias pessoais poderiam ter iludido os leitores menos informados. O filho começa então por contestar aquilo que no artigo do *Austriacus* era dado como sendo proferido por Schlick. Não se sentindo competente na matéria, consultara os alunos do Pai e outros

especialistas para concluir que algumas citações eram verdadeiras mas teriam o seu sentido distorcido fora de contexto, enquanto outras eram impossíveis na boca de Schlick e ainda algumas mais eram comprovadamente de outras pessoas.

Albert começa por desmentir que o Pai tenha fundado a Sociedade Mach, dado que não era homem de intervenções ativistas em coisa alguma. Simplesmente aceitara com relutância a presidência porque, como detentor da cátedra que fora de Mach, sentira-se a isso forçado. Mas enquanto a Sociedade usava o nome de Schlick, era na verdade Neurath quem tudo promovia e manipulava, conduzindo a Sociedade para perigosos caminhos dos quais Schlick ou não se apercebera, ou não fora suficientemente forte para infletir. Sobre a ingenuidade política de Schlick, o filho aponta-nos o episódio com ele próprio ocorrido quando a Sociedade mudou a sua sede para o escritório dos maçons: Albert fora um dia ao centro de escuteiros situado no mesmo edifício, sendo nessa visita informado pelo secretário que a Sociedade Mach partilhava agora o escritório maçom. Chocado, Albert chegou a casa zangado com o Pai, apenas para descobrir para seu espanto que ele, suposto presidente da Sociedade, nada sabia acerca de tudo aquilo. Schlick tentou depois explicar ao filho que o caso se poderia dever ao facto de algum membro da direção da Sociedade Mach pertencer aos pedreiros-livres. Porém Albert opina que, na verdade, o Pai fora envolvido em tudo isto por Neurath e que a Sociedade tinha ligações reais aos Sociais-Democratas vermelhos. Se era certo que a Sociedade fora dissolvida por razões compreensíveis, opina Albert, também haveria que ponderar que se o Pai estivesse verdadeiramente ao leme dela nenhuma daquelas ocorrências que levaram à sua extinção teria jamais tido lugar. Até o desejo expresso por Schlick de reviver a Sociedade seria uma forma de confessar que ele não cumprira anteriormente os seus deveres na direção dela.

Mais ainda: as alegações no artigo caluniador de que Neurath era amigo íntimo e colaborador de Schlick eram redondamente falsas: nunca aquele sequer visitara o Pai em casa e sempre tinham estado em oposição, invocando o filho algumas observações em desfavor de Neurath que ouvira a seu Pai.

Pior que tudo, as alegações de que Schlick aderira ao partido fascista por puro oportunismo não poderiam ser mais falsas: Schlick era um membro convicto da Frente Patriótica e não precisava de salvar o emprego, pois sempre seria recebido de braços abertos em qualquer parte do mundo.

Quanto às acusações de materialismo, essas também caíam por terra: o Pai fora membro praticante da confissão protestante de Ausburgo durante toda a sua vida, bem como a sua família. Albert e a irmã tinham feito o batismo e a confirmação. Schlick deixara aliás notas no seu espólio que bem atestavam a sua devoção.

Faltava a questão dos assistentes judeus: Waismann nunca fora assistente do Professor e sim mero bibliotecário. Fora contratado obviamente não por causa da sua raça judaica, mas sim pela sua competência. As duas assistentes judias também mencionadas mas não nomeadas eram pura invenção do *Austriacus*.

E o filho de Schlick agradece o apoio que o Prof. Meister dera a si e à sua família, revertendo toda a questão de novo à estaca zero: se Schlick era um cristão devoto e membro empenhado do partido austrofascista, além de ser um conservador, como o era também o seu assassino (embora um fosse protestante e outro católico), o crime não poderia ter tido quaisquer motivações políticas, religiosas ou ideológicas como queria o *Austriacus*. Outros motivos haveria que encontrar que o explicassem, mas Albert sobre isto não se pronuncia.

No doc. 5, o mesmo Prof. Meister escreve ao Reitor a fim de se chegar a consenso quanto a uma declaração a ser enviada pelo Senado Universitário ao Ministro da Educação. Começa por conceder que os jornais são livres de criticar o trabalho dos professores, até mesmo por motivos ideológicos, mas que se trata de falta de tato fazê-lo imediatamente após um final tão trágico. Meister contesta as críticas a Schlick, mencionando que as ideias que lhe são atribuídas pelo articulista eram na verdade de Carnap. Meister invoca ainda a natureza cruel do ato homicida para apelar a uma declaração do Senado que piedosamente defenda o colega das calúnias da imprensa. Apesar de considerar que o crime já estava esquecido (estava-se a 27 de outubro do mesmo ano!) recomenda uma formulação para o texto do desagravo a Schlick

pelo Senado em que se incluiria um desmentido da pretensa não-filiação religiosa de Schlick, acrescentando que ele pagava contribuição pecuniária à sua Igreja como se comprova pelos recibos da mesma Igreja desde 1924 até à data da sua morte. E também se contestaria que estivessem judeus nos postos de assistente de Schlick, sendo que um deles era ocupado por um não-judeu e o outro apenas tinha um bibliotecário judeu mas não um titular judeu.

O Senado deveria ainda acrescentar que o Professor Schlick jamais tivera qualquer amizade próxima com Otto Neurath, nem em termos pessoais, nem profissionais. Pelo conteúdo da proposta de voto do Senado a enviar ao Ministro se vê que Meister utiliza em grande parte as informações que conseguira de Albert Schlick para reforçar a religiosidade de Schlick e distanciá-lo dos marxistas, judeus e ateus. O voto é aprovado (doc. 6) e enviado a 9.12.1936 ao Ministro da Educação.

O julgamento de Hans Nelböck

O processo legal começa com a peça da acusação (doc. 7) datada de 12.04.1937 e dirigida contra o Dr. Hans Nelböck, «*católico, solteiro, desempregado e atualmente na prisão*». A substanciação da acusação será retomada na sentença, pelo que usaremos os dois textos (docs. 7 e 8). A acusação é dupla: ato malicioso contra a vítima causando a sua morte e posse ilegal de arma – no caso uma pistola automática *Singer* – e ainda o seu porte sem motivo bastante. Resultando pois numa acusação de homicídio e violação da lei de porte de arma, sendo julgado por um júri. Arrola testemunhas e o parecer de um psiquiatra. Entre as testemunhas estará Borowicka. Insiste-se na premeditação, na malícia de ter escolhido uma arma pequena que pudesse esconder no bolso, e em que os motivos invocados pelo autor do crime, que se consubstanciam na perseguição que Schlick lhe movia, não serviriam de atenuantes. Apesar dos dois internamentos, os peritos decidiram que Nelböck nem era louco, nem estava em estado de confusão mental quando cometera o ato. A sentença insiste em que o crime em si próprio não fora planeado longamente, sendo antes fruto de um impulso, já que embora a intenção

preexistisse ela tinha sido recorrentemente abandonada. E considera atenuantes a confissão, a integridade moral e as provas de bom caráter do jovem, também doutorado em Física, tal como o seu professor.

O retrato que sai da sentença é o de um Nelböck que não só não era demente como era um *scholar* com boas provas dadas na academia, crente e religioso, embora de personalidade fraca e perturbada, parecendo que o tribunal assumia a tese da motivação do crime ser não só passional mas ainda adicionalmente religiosa, devido a diferenças de *Weltanschauungen*. A condenação enumera o que foi dado como provado e que corresponde à acusação, mas sem o elemento de *perfidia* que ela tinha arguido. O tribunal considerou o acusado culpado das duas acusações e condenou-o a encarceramento por 10 anos e a pagar as custas do processo. Foi descontado o tempo que já passara na cadeia desde o crime, ou seja, quase um ano. A pena iria pois terminar em 1946, não fosse o mundo entretanto vir a dar muitas e completamente imprevistas voltas...

A libertação de Hans Nelböck

Surpreendentemente, a Sra. Magda Stüger, empregada de papelaria, assina uma petição para a libertação do assassino do Prof. Schlick. Esta petição está datada de 11.04.1938 e é dirigida ao Gauleiter Bürkel, representante do Führer para o referendo sobre o *Anschluss*. A integração da Áustria na Alemanha dera-se, como se sabe, a 12.03.1938. Sem dúvida este pedido de clemência estaria ligado à instauração da nova ordem política, mas até que ponto ele poderia ser atendido pelas recém-instaladas autoridades?

Magda fala de um ponto de vista nacional-socialista: para ela, Nelböck fora uma vítima do anterior governo austrofascista mas até mesmo os católicos conservadores concordavam em que alguém como Schlick nunca poderia ter sido um educador da juventude nem ter contribuído validamente para o desenvolvimento da Áustria.

O Ministro da Justiça do Reich recebe esta petição enviada pelo Gauleiter Bürkel e opina que um ano de uma pena de dez é pouco para se considerar a

oportunidade de um perdão. Porém surge um novo apelo, desta vez de alguém mais categorizado: precisamente o nosso já conhecido Prof. Sauter, prestes a cair em desgraça perante as novas autoridades, que escreve ao Ministro da Justiça em 27.07.1938 informando ter sido professor do humilde Nelböck, de origens rurais, retomando alguns argumentos do Austriacus: Schlick teria sido um expoente da judiaria vienense e a sua ligação aos austrofascistas teria apenas como finalidade conservar a sua situação. Já Nelböck era, pelo contrário, um verdadeiro patriota e antissemita (qualidades que na argumentação de Sauter se derivam mutuamente), o que o levou a indignar-se com Schlick, tanto mais que, Sauter não o esconde, o aluno via também os seus planos de vida e situação económica periclitarem por ação do seu professor. Nelböck teria perdido a sua ténpera ao ver baldados os seu esforços ideológicos e políticos para remover Schlick da Universidade – embora seja difícil imaginar que esforços nesse sentido pudera Nelböck ter envidado com o seu estatuto precário e tão inferior ao de Schlick na academia. Sauter insiste numa linha de coloração política que irá conhecer grande fortuna: o motivo passional ou mesmo económico fora somente *acessório* porque no anterior regime, dominado pelo fascismo austrocatólico, invocar aquelas razões políticas teria ido contra os próprios interesses do acusado. Foi esta a causa pela qual o julgamento não fora justo: Nelböck fora impedido pelas circunstâncias de reclamar para o seu ato um estatuto político, que agora o novo estado de coisas já tornaria possível valorizar e recompensar.

Três meses depois – ao fim de três anos daquela sua sentença de dez – Nelböck é libertado condicionalmente, passando a trabalhar na indústria petrolífera e na topografia. Porém, prevenindo alguma tentativa de procura de emprego em postos de docência, em 23.10.1939, ao abrigo de uma disposição legal nesse sentido, a Reitoria da Universidade de Viena retirou o seu título de Doutor em Física e Filosofia devido ao crime.

Em 1941 o seu processo é de novo apreciado pelas autoridades do Reich. Num inquérito assinado por um procurador público e um oficial de Justiça, esclarece-se logo no início que o condenado não é membro do Partido Nacional-Socialista nem de qualquer das suas secções e organizações – o que não surpreende, dado Nelböck tinha estado sempre próximo dos católicos

conservadores, o que o impediria de aderir aos nacionais-socialistas agora vitoriosos ainda que essa adesão pudesse ser oportuna e vantajosa para a causa da sua libertação. Afiançam também que ele gozava de boa reputação entre os colegas de trabalho como indivíduo sossegado e tranquilo.

Os autores do novo inquérito enumeram de novo as três razões para o assassinato de Schlick, dando clara primazia ao ciúme, ainda que o próprio Nelböck tenha tentado posteriormente fazer acreditar que as motivações eram idealistas, altruístas e não pessoais, visando libertar a Universidade de um indivíduo pernicioso para o nacional-socialismo. Assim, o ciúme e a vingança pessoal só teriam sido invocados em sede de julgamento precisamente para não prejudicar a causa dos nacionais-socialistas, segundo ele. Porém, dizem as mesmas autoridades oficiais, as motivações pessoais é que teriam realmente tido a primazia sobre quaisquer outras coletivas.

Nelböck argumentava agora que o seu ato havia eliminado da Universidade um professor judeu (!) que propagava doutrinas prejudiciais e prestara assim um serviço à causa do nacional-socialismo, serviço pelo qual sofrera depois a condenação. Uma vez que os ideais que já acalentava eram agora a ideologia oficial da Nação, considerava injusto estar a cumprir a sua pena sob o novo regime. Os redatores das conclusões do inquérito comentam que Nelböck estaria obviamente a querer libertar-se da sua sentença para poder assumir um posto docente.

Neste novo inquérito da Justiça foram ouvidas diversas autoridades e registaram-se os seguintes pareceres, bem divergentes:

- A *Chefia do Partido Nacional-Socialista de Viena* declara que Nelböck não é um assassino comum mas um homem de grande capacidade intelectual e estatura moral, cujos estudos de filosofia tornaram ingénuo e excêntrico, mas que atuou por motivos idealísticos, pelo que lhe deve ser concedida a clemência;
- O *Gabinete do Führer (em Berlim)* não apoia o pedido de clemência porque o crime é recente e o período de libertação condicional ainda não expirara;
- O *Tribunal de Viena* acha que mais atos de clemência depois da libertação são prematuros. O tribunal provou que o ato foi devido a

ciúme, ódio e vingança e que Nelböck queria agora, astuciosamente, referir os aspetos libertadores do seu ato e «*a eliminação de um parasita*», usando a nova situação política em seu favor e apresentando-se de forma menos negativa sem que, porém, no próprio momento do crime, pudesse ele jamais ter antecipado os acontecimentos políticos sobrevenientes.

Os redatores das conclusões do inquérito reconhecem como penosa a situação de Nelböck, por este não poder obter um emprego condigno com os seus estudos e elevada formação. Consideram que os motivos fundamentais foram pessoais, ainda que também tivessem existido outros ideológicos. Anular a sua condenação quando ainda em liberdade condicional equivaleria a justificar o seu crime, coisa que as autoridades judiciais não queriam de forma alguma fazer. Eles lembram que sustentar que alguém tem o direito de tirar a vida a outrem unicamente por considerar esse outrem como um elemento nocivo seria propor a subversão total da lei. Pelo que declaram que é necessário que decorra mais tempo e exista boa conduta, de acordo com os termos da liberdade condicional, para que um perdão pudesse ser considerado.

Na posse deste documento, o Ministro da Justiça do Reich considera esta a opinião correta e rejeita o pedido de clemência em 16.05.1941. A justiça alemã não perdoou a Nelböck o seu crime e o período de liberdade condicional terminaria efetivamente em 1943. Nelböck, que trabalha nos Serviços de Topografia, passa em 1945 para o serviço de petróleo soviético da ocupação. Em 1947, um certificado de boa conduta não exhibe já qualquer registo criminal. Em 1951 ele processa Viktor Kraft, que o chamara psicopata paranoide num livro sobre o Círculo de Viena. O autor acede a um acordo extrajudicial de indemnização a Nelböck porque se sente ameaçado por ele.

Nelböck morre em Viena a 03.02.1954, com a idade de 50 anos; viveu menos do que a sua vítima pois tirara a vida a Schlick quando este contava 54 anos.

Todo o imbróglgio judicial que se seguiu ao crime acabaria por se tornar célebre pelas implicações político-religiosas esgrimidas pela defesa. Entre as diversas ambiguidades conta-se o facto de Schlick ter aparecido como firme

defensor da independência da Áustria face à Alemanha, mas não sendo na verdade austríaco e sim alemão, da Prússia. Nelböck, um firme patriota austríaco, será ironicamente beneficiado pelo desaparecimento do seu país e, apesar de antimarxista, acabará por trabalhar para os soviéticos depois do final da Guerra.

É altamente improvável que Delfim Santos tenha acompanhado a posteridade do crime que vitimou o seu malgrado professor, como aqui foi esboçada. Em 19.07.1938 escreve a José Marinho que recebeu o *Festschrift* de Schlick, com uma introdução do seu colaborador Waismann – que aqui aparece mais como um herdeiro académico do que como o *simples bibliotecário* da tese da defesa de Schlick:

Recentemente recebi o livro de homenagem a Schlick. (...) Fizeram apenas o seguinte: coligiram em volume os ensaios dispersos por revistas e um inédito e antepuseram-lhe um estudo de Waismann (um assistente de Schlick) [SANTOS OC4, carta 111, 19.07.1938].

Esta é a última referência a Schlick na correspondência já publicada. Dois anos depois, Delfim Santos dará relevo às ideias de Schlick ao publicar a sua tese de doutoramento (1940) *Conhecimento e Realidade*. Será esta a última ocasião em que Delfim Santos irá referir por escrito o nome do seu professor em Viena. Como sabemos não é por culpa de Delfim Santos que ele não mais se ocupará criticamente do legado de Schlick: é que a partir dessa data a sua própria carreira como filósofo parece estar cada vez mais longe de se concretizar e as suas publicações passam a incidir sobretudo no domínio da pedagogia, devido ao inesperado convite de Oliveira Guimarães para trabalhar nessa área na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Delfim Santos foi o único português a assistir às reuniões do Círculo de Viena. Foi também o único da sua nacionalidade a privar com Schlick e a estar próximo dele no momento em que o Círculo de Viena foi extinto de forma tão violenta. Não seguiu os desenvolvimentos que sobrevieram àquela trágica ocorrência, nem acompanhou de perto ou de longe a complexa teia política, judicial e ideológica que em torno daquele desfecho se viria a urdir.

Referências

CLESS-BERNERT, Traude (1982) Der Mord an Moritz Schlick, *Zeitgeschichte* 7, 229-234.

MADERTHANER, Wolfgang & Lisa SILVERMAN (2009) ‘Wiener Kreise’: Jewishness, Politics and Culture in Interwar Vienna, Deborah HOLMES & Lisa SILVERMAN, eds., *Interwar Vienna: culture between tradition and modernity*, Rochester: Camden.

NELBÖCK, Hans (1931) *Die Bedeutung der Logik im Empirismus und Positivismus*, Wien (tese de doutoramento).

SANTOS, Delfim (1935, 1936) Relatórios enviados à Junta de Educação Nacional / Instituto para a Alta Cultura, ref. por número de doc. e data.

STADLER, Friedrich (2001) *The Vienna Circle, Studies in the Origins, Development, and Influence of Logical Empiricism*, Wien: Springer.

Alguma Documentação Vienense

Nas páginas seguintes:

p. 78 : Cartão de visita usado por Delfim Santos em Viena.

p. 79: Lista dos alunos do Professor Schlick: na 3ª linha a contar de baixo pode ler-se: 'Santos'.

pp. 80 e 81 : Certificados assinados por Moritz Schlick a 14 dias do seu assassinato:

Certificado de Frequência de Seminário:

O abaixo-assinado certifica que o Senhor Delfim Pinto dos Santos, de Lisboa, Portugal, aluno da Faculdade de Filosofia da Universidade de Viena no seminário de 2 horas semanais do Instituto de Filosofia durante o semestre de verão do ano letivo de 1936 concluiu com Muito Bom aproveitamento.

O total das matérias representa 5 horas semanais de créditos de aproveitamento durante as sete semanas letivas.

Viena, 8 de junho de 1936

M. Schlick

Certificado de Exame:

Presidente do Seminário de Filosofia

O Senhor Delfim Pinto dos Santos, nascido a 6/11/07 no Porto – Portugal, aluno regular da Faculdade de Filosofia, foi em 8 de junho de 1936 submetido a Exame sobre a matéria que ele frequentara no semestre de verão de 1936, de 5 horas letivas de créditos obre Filosofia das Ciências, terminando com sucesso esse mesmo exame com Muito Bom.

Viena, 8 de junho de 1936

p. 82 : Convite a Delfim Santos para as exéquias do Professor Schlick 3 dias após a sua morte:

Ao Excelentíssimo Senhor Professor

Delfim Santos

Viena, 8

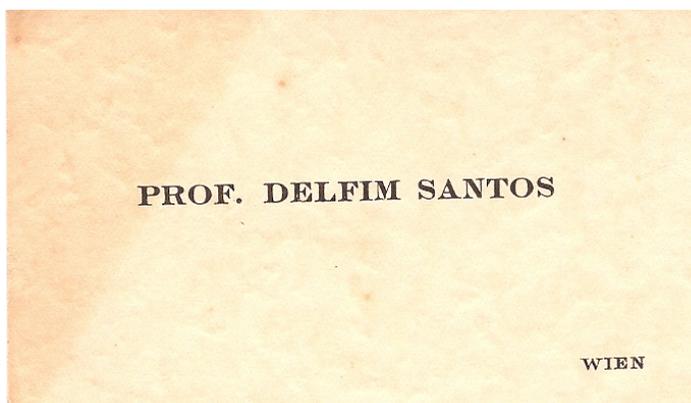
Gruenetorgasse 18/1.4.

Quinta-feira, 25 de junho, 8.30H da tarde, no Instituto de Filosofia, Viena 9, Boltzmannngasse.

Serviço fúnebre do Professor Schlick.

Solicita-se que informe sobre estas exéquias todos os colegas da sua turma que encontre, visto não nos ter sido possível contactá-los a todos.

Viena, 24 de junho de 1936.



ARQUIVO DELFIM SANTOS

Seminário 1936

Dr. Scheibal 7. Post

Dr. Herland

Frau Steinhardt

Eckstein 4. Post

Wilkersdorf

Dr. Fleischmann 10 Post.

Kastner

Bismarck

Schöngrath

Feldman

Man Gilyeff

Pipes } 8. Post.

Liebermann }

Horowitz

Russkoye

Melzer 7. Post.

Dr. Bergmann

Dr. v. Jahn.

Gradner 5. Post.

Dr. Hany

Dr. Schächter

Dr. Andies

Reichstein 6. Post.

Santa

Brodil

Bermann

Glaser 9. Post

Bl. Tauschinski }

Th. Hock 3. Post.

Königstein 5. Post

Dr. Eberl

Pallas

v. Lentz

Dr. Leider

Dr. Hollitscher

Van v. Loew 1. Post.

Bl. Scherer

Christofidis 2. Post.

(Kopie anwesig
VC Archief)



Übungs- Instituts-, Laboratoriums-, Profeminars-, Seminars- Zeugnis.

1816
8972
22 6 6

Der Unterzeichnete bestätigt hiemit, daß Herr Delfim Pinto dos Santos
Frl. _____
aus Lissabon in Portugal,
ord. Hörer an der philosophischen Fakultät der Universität in Wien im
a. so. Semester, an dem 2 stündigen (halbtagigen, ganztägigen) Übungen
dem Philosophie Institut (Laboratoriums, Profeminars, Seminars) Praktikum
des Philosophie Instituts (Laboratoriums, Profeminars, Seminars)

Abteilung: _____
während des Winter Semesters des Studienjahres 1936/37 mit sehr
gutem Erfolge teilgenommen hat.¹

Die obigen Übungen sind 5 stündig (halbtagig, ganztägig) und in die für die
Befreiung von der Zahlung des Kollegiengeldes erforderlichen Studiennachweise von
sieben Wochenstunden mit 5 Stunden einrechenbar.²

Wien, am 8. Juni 1936

M. Schlick
Vorstand des philosophie Instituts.
Seminars.

Anmerkung.

¹ Dieser erste Abschnitt ist mit Ausnahme der Note hinsichtlich aller Angaben vom Studierenden genau auszufüllen. – Der Erfolg ist in den Noten: sehr gut – gut – genügend – nicht genügend – auszusprechen.

² Dieser zweite Abschnitt ist vom Dozenten auszufüllen. Hinsichtlich der Anrechenbarkeit von Übungen für die Kollegiengeldbefreiung wird bemerkt: Eins bis einschließlich vierstündige Übungen sind mit der im Vorlesungsverzeichnis angegebenen Stundenzahl anrechenbar, mehr als vierstündige Übungen und halbtagige Praktika sind mit vier Stunden anrechenbar, desgleichen im allgemeinen ganztägige Praktika; doch sind ganztägige Praktika mit sieben Stunden anrechenbar bei Studierenden der Philosophie, wenn sie das fünfte Semester absolviert haben, bei Pharmazeuten im zweiten Studienabschnitt, d. i. nach Ablegung aller Teilprüfungen des ersten Rigorosums. Nicht anrechenbar sind: die im Vorlesungsverzeichnis als Kondesatorium, Kolloquium, Besprechung neuerer Abhandlungen, Exkursionen angeführten Übungen, ferner die praktischen Übungen der Turnlehrerausbildung (mit Ausnahme der Seminare, Profeminare und Praktisch-methodischen Übungen), sowie alle Zeugnisse über Kurse von Lektoren (auch die der Profeminare für lebende Fremdsprachen).



8/6

1866
8942
2266

Kolloquien=Zeugnis.

Herr Delfim Pinto dos Santos
Frl. _____

geboren zu 6/XI/07 in Porto - Portugal

ordentlicher
außerordentlicher Hörer der philosophische Fakultät

hat sich am 8. Juni 1936 bei dem Unterfertigten einem Kolloquium aus

dem Stoff des von ihm im Sommer Semester 1936 abgehaltenen

5 stündigen Kollegiums über Naturphilosophie

unterzogen und dasselbe mit sehr gutem

Erfolg bestanden.

Wien, den 8. Juni 1936

M. Schlick

Notenskala: 1 sehr gut, 2 gut, 3 genügend, 4 nicht genügend.



Donnerstag, den 25. Juni, $\frac{1}{2}$ 8 Uhr abends, Philosophisches Institut, Wien, IX., Boltzmanngasse, Trauerfeier für
Professor Schlick.

Es wird gebeten, alle Angehörigen des Zirkels, die Sie treffen, von der Trauerfeier zu verstaendigen, da nicht alle erreicht werden konnten.

Wien, am 24. Juni 1936.